

O RENASCER VIANENSE

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA VIANENSE DE LETRAS

ANO VII Nº 27 VIANA-MA, FEVEREIRO DE 2010



VIANA 252 ANOS
DE MEMÓRIA

Editorial

ABC DO CAOS

Nunca se falou tanto em meio ambiente e na urgência de preservar a natureza como no atual momento pelo qual a humanidade atravessa. Os meios de comunicação alardeiam diariamente o perigo que corremos pela falta de decisões políticas efetivas que possam diminuir as agressões impostas, em todos os níveis, ao nosso planeta.

No entanto e apesar de toda a mídia em torno do problema, ainda existem pessoas que não se sensibilizam e até ignoram a questão. Algumas por ignorância mesmo e outras por irresponsabilidade. Certamente devem ser estas, a ignorância e a irresponsabilidade, as culpadas diretas pela realidade hoje imposta ao nosso município e, por extensão, a uma das regiões mais pobres e mais belas do Estado: a Baixada Maranhense.

Celeiro do Maranhão no passado, quando abastecia o mercado consumidor da capital e de outras regiões com produtos agropastoris e pescado, atualmente a Baixada se encontra em vias de colapso total pela ameaça imposta ao equilíbrio ecológico de seus lagos e campos inundáveis.

Como se não bastassem os búfalos (há quarenta anos acarretando prejuízos incalculáveis a esse frágil ecossistema) e a proliferação de cercas que avançam pelos campos sem qualquer medida de contenção por parte das autoridades competentes, surge, agora, um novo e não menos avassalador crime ambiental, igualmente praticado à luz do dia: os leitos dos lagos transformados em canteiros para o cultivo de arroz.

Instalou-se assim por completo o ABC do caos na região. Já tínhamos o "B" do búfalo e o "C" das cercas. Faltava, porém, uma letra para completar o quadro da desordem. E não demorou muito para surgir o "A" do arroz, no cenário devastado e quase apocalíptico daquela que foi, provavelmente, a região mais rica em biodiversidade do Maranhão.

É como se um triângulo maligno, cujas vértices cruéis encravam-se nas entranhas do bioma até levá-lo à morte por asfixia, houvesse se completado. Talvez seja este o golpe de misericórdia que encerrará sua agonia, ante o estorrecimento de alguns e a indiferença de muitos.

No caso recente do arroz, usar o problema social do desemprego e da falta de renda de grande parcela da população como justificativa para tal prática é reduzir a questão a uma simples lógica capitalista. Em outras palavras significaria dizer: se os lagos já não fornecem a fatura de peixes como antes, então vamos transformá-los em canteiros de arroz durante o verão.

Acontece que a natureza não se adequa tão facilmente aos interesses imediatos do homem. A experiência mundial já comprovou que interferir na vocação natural de um ecossistema sempre acarreta resultados desastrosos que custam caro para todos. Além do mais, é uma falácia acreditar que apenas uma safra anual de arroz irá resolver o problema da pobreza na região.

É perfeitamente compreensível que, pelo fraco rendimento atual das pescarias, alguns pescadores tenham mudado temporariamente de profissão para se transformarem em plantadores de arroz. Para eles, nestes tempos difíceis, certamente alguns trocados seguros no bolso significa muito. Mas, com certeza, as centenas de quilômetros quadrados de plantações de arroz em nossos lagos significa muito mais para os espertalhões e aproveitadores de plantão que, a cada ano, irão multiplicar seus lucros à custa da pobreza e ignorância de tantos.

RUÍNAS DO SOBRADO DOS ROCHA

FOTOS: RIBAMAR ALVES / LUIZ ALEXANDRE



Na década de 80, o prédio, em início de decadência, mas ainda com sua fachada quase intacta. E os restos do sobrado, na atualidade

Dos sete sobradões coloniais outrora existentes em Viana, somente quatro se mantêm de pé até os dias atuais: dois em situação precaríssima e os outros dois totalmente em ruínas, como é o caso do prédio da foto acima.

Apegado ao extinto sobrado do Dr. Ozimo de Carvalho, este antigo solar fazia parte do conjunto do casario colonial do famoso "canto grande", retratado em xilogravura do artista Tom Maia que passou pela cidade no início do século XX.

O imóvel, situado à Rua Antônio Lopes, nº 198, pertencia a José e Nilza Ferreira Rocha. Além dos proprietários, ali residiram várias famílias e personalidades influentes da sociedade vianense, como o juiz de Direito, Alcides Torreão Smith, o casal José Oliveira e Raquima Gomes, os dentistas Dr. Araújo e Dr. Melo, o médico Dr. Antônio Hadade, D.

Maria Pacheco e filhos, e finalmente D. Eulália Silva, mais conhecida como "Filhinha", que foi a última inquilina da casa.

Têm-se notícias de que este sobrado foi a sede do "Vitória", clube de futebol local que pontificou no cenário esportivo vianense nas décadas de 1930/1940, e que teria abrigado também um ambulatório médico.

De arquitetura tipicamente colonial, com o térreo destinado ao comércio e o pavimento superior para residência, o prédio todo de alvenaria possuía três portas, sendo duas de entrada para o salão do comércio e a terceira que, através da escada de madeira, dava acesso ao andar de cima.

Na parte superior da fachada, três janelas descortinavam a rua e a esquina de maior movimento comercial de Viana no passado.

A procuradora de Justiça aposentada, Rosa Maria Pinheiro Go-

mes, que desde a infância morou em frente ao sobrado, recorda da casa ainda transbordante de vida pela alegria das crianças que por lá passaram com suas famílias. Ela lembra muito bem da quitanda do Seu Mundico Artur que existia ali, onde se podia comprar quase tudo: arroz, café, farinha, banana, melancia e até "pipó de açúcar," espécie de pirulito que as crianças daquele tempo adoravam.

Atualmente abandonado e esquecido, o prédio desmorona mais a cada período de chuvas. Embora não possua o glamour do sobrado de azulejos amarelados (igualmente em ruínas), este imóvel também guarda memórias significativas da história da cidade, além de ser mais um raro exemplar da arquitetura colonial vianense que, por descaso das atuais proprietárias e do poder público, encontra-se em vias de completa extinção.

CARNAVAL A ZERO GRAU

Com muita animação, na noite do sábado dia 16 de janeiro último, realizou-se o 1º Baile de Máscara de Viana, no bar e restaurante Zero Grau. O evento, uma iniciativa das empresárias Celma Menezes Mendes Carvalho e Rosa Bastos, reviveu o clima dos antigos carnavais vianenses com muito confete e serpentina no salão.

Ao som da banda "Balanço Moral", que fez desfilar as mais tradicionais marchinhas carnavalescas, o grande número de foliões presentes se deixou contagiado pela animação que atravessou a noite e rompeu a madrugada.

Assim como o já tradicio-



nal Baile de Fantasia, realizado na sede do Grêmio duas semanas depois, o Baile de Máscara, segundo suas orga-

nizadoras, pretende se inserir também no calendário da folia momesca vianense dos próximos anos.

IRMÃ ANNA MARIA, A MÁRTIR VIANENSE

Lourival Serejo

O Massacre de Alto Alegre ficou conhecido como o fato ocorrido em 13 de março de 1901, às cinco horas da manhã, na localidade do mesmo nome, que fica no município de Barra do Corda, quando um grupo de índios, liderados pelo cacique João Caboré (João Manoel Pereira dos Santos), também chamado de capitão Caboré, invadiu a igreja onde estava sendo celebrada uma missa, e ali mataram todas as freiras e frades daquela Missão, assim como as pessoas que assistiam à missa e as que moravam nas proximidades. Ao todo, foram mortas aproximadamente 200 pessoas.

Pelo isolamento do lugar, sem estrada e sem correio, os corpos ficaram vários dias insepultos, até que a notícia chegou a Barra do Corda, quando então foi providenciado o sepultamento das vítimas. Na igreja daquela cidade, há os retratos expostos dos religiosos vítimas do massacre.

Para o objetivo estrito que me propus nesta breve crônica, deixo de aprofundar-me sobre as causas e os detalhes do referido massacre.

Os religiosos que ali estavam (4 capuchinhos e 7 religiosas) eram italianos que edificaram naquela região, perto da cidade de Barra do Corda, um colégio para meninas índias.

Dentre as freiras mortas, encontrava-se a irmã Anna Maria, a única freira maranhense, natural de Viana, pertencente ao grupo da madre Francesca Rubatto, hoje consagrada como beata.

Quando o Papa Leão XIII tomou conhecimento do massacre, declarou: "São as primícias do século! Amanhã faremos sufrágios para as almas dos novos mártires..." Para Gabriella Preda, Superiora-Geral das Irmãs Capuchinhas de Madre Rubatto, "a morte violenta desses missionários trouxe à luz o seu maravilhoso testemunho do Evangelho, num amor total a Deus e aos irmãos mais pobres." (*L' Osservatore Romano*, 24.3.2001)

Sobre a irmã Anna Maria, colhe-se do jornal *L' Osservatore Romano*, um artigo de Graziella Merlati, editado em 24 de março de 2001, com o seguinte comentário:



No quadro que lembra o Massacre de Alto Alegre, exposto na fachada da Igreja Matriz de Barra do Corda, o rosto da freira vianense aparece entre os mártires daquela tragédia (ocorrida em 1901), que alcançou repercussão nacional e internacional

A irmã Anna Maria, natural de Viana no Maranhão, foi a primeira vocação indígena, recebida pessoalmente e associada ao grupo da Fundadora, Madre Francesca. Maria foi educada pelas irmãs Capuchinhas Dorotéias dessa cidade e sentia o chamado à vida missionária ao ver passar as irmãs Capuchinhas em viagem rumo a Alto Alegre. Recebeu o hábito religioso da madre Francesca Rubatto, no dia da solenidade dos Estigmas de São Francisco, 17 de setembro de 1899, e viveu com o fervor e a generosidade dos neófitos. A sua vida e a sua morte indicam que o poder e a graça do Senhor são reservados aos pequenos.

A autora destes comentários publicou um livro especial sobre o tema que foi traduzido no Brasil pelo meu amigo Vito Milesi, com o título *Amor e martírio em Alto Alegre* (Imperatriz: Ética, 2001). Neste livro,

relata os últimos momentos da irmã Anna Maria:

"Fujam, minhas filhas, fujam, salvem-se e cuidem em se manter sempre boas": foi o último desejo expresso, enquanto morria, por uma religiosa, a Irmã Ana, noviça brasileira que estava descendo do dormitório com as meninas menores. Foi ferida e lançada do alto da escada. As meninas não conseguiram se separar dela. Esta dramática cena é narrada por uma delas, a única sobrevivente porque, jogada entre os cadáveres foi considerada morta. (Op. cit. p.60)

No livro de Rodolfo Toso, intitulado *Uma mulher forte: Madre Francisca Rubatto*, também traduzido por Vito Milesi, encontramos detalhes sobre a morte da mártir vianense, assim descrito:

Particular chocante: a única menina supérstite contou que a irmã Anna Maria, a brasileira que o pa-

dre Rinaldo definia como "doentinha... que não fazia nem bem nem mal", foi encontrada pelos assassinos enquanto descia a escada com as meninas menores: foi apunhalada sem piedade e jogada no fundo da escada. As meninas foram obrigadas a pisar no sangue dela; enquanto estava no chão, conseguiu dizer-lhes: *Fujam, meninas, sejam sempre boas*. Foi, depois, lançada na cisterna onde jaziam, amontoados os corpos do padre Zacarias e das irmãs assassinadas e lá continuou, por algum tempo, rezando o terço." (Toso, Rodolfo. *Uma mulher forte: Madre Francisca Rubatto. Imperatriz: Ética*, 2002, p. 262).

Aqui está traçada esta breve biografia da mártir vianense, irmã Anna Maria. Fica o desafio para os leitores e interessados em aprofundar um estudo sobre ela, o que engrandecerá, de certo, nossa história.

D. HONORATA COSTA

Nascida no alvorecer do século passado (08/01/1902), D. Honorata Gina Costa viveu sozinha até os 102 anos. Em 2004, entretanto, precisou dos cuidados da única filha ainda viva, Maria José, com quem reside atualmente em uma modesta residência no bairro da Barreirinha.

Enxergando mal por causa da catarata, mas lúcida e com uma boa memória (embora algumas lembranças tenham sido apagadas pelo tempo), D. Noratinha, como é mais conhecida, ainda sabe contar sua história: seus pais eram lavradores e se chamavam Isidoro Antônio da Cruz e Eufrásia Rodrigues da Costa, ambos analfabetos. "Meus pais não sabiam ler nem escrever, mas meus avós sabiam e me botavam para estudar, coisa que nunca apreciei. Apanhei muito por causa disso, foram muitos bolos de palmatória nas palmas das mãos. Também ficava de castigo de frente para a parede, ajoelhada sobre carochos de milho."

Tantos castigos de nada adiantaram, pois ela cresceu analfabeta como os pais. Gostava mesmo era de costurar, bordar (sabia todos os tipos de pontos) e de cozinhar. De todas essas distrações, porém, nada se comparava ao prazer de tocar caixa na festa do Divino. Por isso tornou-se caixeira



LUIZ ALEXANDRE

desde muito jovem, bem antes de se casar com Raimundo Paulo Nogueira, com quem teve sete filhos (dos quais cinco já faleceram).

Viúva há 25 anos, D. Honorata comemorou seus 108 anos de vida com uma missa em ação de graças, seguida de música e batucada. Ao lado dos filhos (João Batista e Maria José), dos dez netos e oito bisnetos, ela recebeu amigos e conhecidos, além das antigas colegas caixeiras. A AVL também se fez representar naquele momento festivo pela acadêmica e professora, Vitória Santos.

Dizendo-se feliz com a festa de aniversário, D. Noratinha lamentou apenas não ter mais firmeza nas mãos para poder tocar caixa com as companheiras, como fazia nos velhos tempos.

REINALDO CAMPOS CASTRO

Filho de Antonio Cutrim Castro e Eponina Campos Castro, ele nasceu em 18/08/1938, no povoado vianense de Coívaras, onde viveu até os 10 anos de idade. Depois de alfabetizado pela professora Minolda Ferreira Campos, o menino foi levado para São Luís, a fim de poder continuar os estudos.

O curso primário foi concluído na Escola Modelo Benedito Leite e o antigo ginásio e colegial no Colégio São Luís. Adolescente ainda, Reinaldo precisou trabalhar para garantir a continuidade de seus estudos até ingressar na Faculdade de Direito do Maranhão.

Graduado, o jovem advogado não demorou a submeter-se a concurso para ingresso no Ministério Público, o que ocorreu em setembro de 1969. Foram várias as comarcas do interior do Estado por onde atuou como promotor de Justiça, antes de alcançar a instância da capital para, posteriormente, ser promovido a procurador.

Ao aposentar-se, em agosto de 2008, o procurador vianense deixava escrita uma extensa folha de trinta e nove anos de bons serviços prestados à instituição, o que lhe renderia merecidas condecorações como a medalha do Mérito Judiciário "Desem-



DIVULGAÇÃO

bargador Antonio Rodrigues Velloso", outorgada pelo Tribunal de Justiça do Maranhão; a medalha "Celso Magalhães" do MP; e a medalha do Mérito "Celina Mochel" da AMPEM.

Casado com Maria de Jesus Soares Castro, pai de dois filhos e avô de duas netas, o procurador de Justiça aposentado, Reinaldo Campos Castro, é um desses vianenses que dignificam a terra que lhes serviu de berço.

Tombamento ameaçado

Pela falta de preservação e constante introdução de novas edificações em desacordo com o estilo colonial, a cidade corre o risco de perder o seu tombamento estadual

No Maranhão, além de São Luís, somente quatro cidades tiveram seus patrimônios históricos tombados pelo Estado. São elas: Alcântara, Carolina, Caxias e Viana. De todas, porém, segundo inspeções recentes do Departamento do Patrimônio Histórico (vinculado à Secretaria de Estado da Cultura), Caxias e Viana são as que se encontram com seus conjuntos arquitetônicos mais adulterados e, portanto, ameaçadas de ter seu decreto de tombamento cancelado.

No caso de Viana, desde que a cidade foi agraciada com o tombamento estadual, através do Decreto 10.899 de 17 de outubro de 1988, praticamente nada foi feito que pudesse conservar sua fisionomia colonial nos últimos 22 anos. Ao contrário, além do visível abandono do que restou do antigo casario, aumentaram as construções de prédios "modernos" em pleno centro histórico da cidade.

Certamente isso se deve à falta de conscientização da população vianense quanto à importância de ter seu patrimônio resguardado. Mas também é resultado direto do descaso de consecutivas administrações municipais. A Secretaria do Estado da Cultura (SECMA) alega que nessas duas décadas não houve um só prefeito de Viana que se sensibilizasse pela questão e incluísse a preservação do patrimônio histórico como uma das pautas principais de sua administração.

O mesmo se pode dizer da Câmara Legislativa Municipal: até hoje nenhum grupo de vereadores levantou a bandeira em defesa de nosso acervo arquitetônico, apesar do tema ter sido um dos mais abordados e discutidos em quase todos os congressos culturais promovidos pela Fundação Conceição do Maracu, nestes últimos dez anos.

Uma luz no fim do túnel, porém, parece querer renovar as esperanças dos defensores do patrimônio vianense. Com o objetivo



FOTOS: LUIZ ALEXANDRE

Em pleno centro histórico, multiplicam-se as construções "modernas" que desfiguram o patrimônio arquitetônico da cidade



Em área tombada, como neste trecho da Rua Grande, fachadas de novas residências e até prédios de dois pavimentos contrastam com a rua estreita calçada de paralelepípedos

de tentar reverter a situação, a SECMA está elaborando um convênio a ser celebrado entre o Estado e o Município, a fim de que a Cultura possa dispor de uma representação local, ou seja, uma espécie de Superintendência do Patrimônio Cultural na cidade, a qual ficaria encarregada de incentivar tudo o que se refere à cultura do município e de fiscalizar e coibir as agressões à área tombada.

O convênio, segundo informações fidedignas, deve ser assinado ainda neste mês de fevereiro. Para tanto, a Secretaria Adjunta da Cultura, Marlilde Mendonça, deve vir novamente a Viana, nos próximos dias, para uma audiência com o prefeito Rilva Luís.

Além da assinatura do convênio, outros itens pertinentes à cultura deverão ser abordados na reunião entre o chefe do executivo municipal e a representante da SECMA.



Quando devidamente conservado, o acervo arquitetônico colonial vianense realça sua beleza nos pequenos detalhes



Exemplo para a comunidade - enquanto muitos destroem, pouquíssimos tentam preservar. No final da Rua Grande, a antiga e pequena casa de estilo colonial (onde morou D. Raquima Azevedo) recebendo nova pintura

VIANA NOS INTERMU

A brilhante atuação da seleção de Viana, nos campeonatos intermunicipais

Luiz Alexandre Raposo

Em janeiro de 1967, os jornais de São Luís exaltavam o feito dos jovens jogadores vianenses no 12º Campeonato Intermunicipal de Futebol. O *Imparcial* em sua edição do dia 10/01/67 estampava, à página 5, a grande manchete “Viana levantou galhardamente o título de campeão do Intermunicipal”, enquanto o extinto *Jornal do Dia* proclamava “Seleção Vianense sagrou-se Campeã do XII Intermunicipal”.

O *Jornal Pequeno*, entretanto, foi o primeiro a dar o resultado do jogo de decisão do título, realizado na tarde do domingo, dia 8/1/67. Logo no dia seguinte (segunda-feira), exibindo uma fotografia do time na primeira página, o “órgão das multidões” dizia: *Ontem à tarde, no Estádio Santa Izabel, sob o delírio de uma grande assistência, a seleção de Viana sagrou-se campeã do XII Torneio Intermunicipal de Futebol, ao vencer o scratch de Pinheiro pelo score de 2x0, resultado que diz fielmente o que foi o desenrolar do cotejo. Os vianenses jogaram melhor e fizeram jus à vitória alcançada.*

A conquista do tão almejado título era o resultado da dedicação e do esforço não apenas dos valorosos atletas que compunham aquela seleção, mas de todos aqueles que sempre acreditaram no talento futebolístico dos vianenses. Por trás dessa significativa vitória existia uma longa história que remontava às primeiras décadas do século XX, quando as primeiras delegações da cidade ousaram romper as fronteiras da vizinhança para mostrar seu futebol na capital maranhense. Era esse, portanto, o coroamento de toda uma árdua trajetória, na qual gerações e mais gerações de meninos e adolescentes se sucederem nas peladas de beira de campo, passando pelos modestos clubes locais, até a honrosa escalação para defender as cores da cidade.

O vice-campeonato – Em 1965, quando o Brasil ostentava o título de bicampeão das duas últimas Copas do Mundo (Suécia, 1958 e Chile, 1962), o futebol gozava, mais do que nunca, de enorme prestígio em todo o território nacional. Em Viana, a coisa não seria diferente. Assim, movidos pela paixão ao esporte que já se consagrara como o preferido dos brasileiros, os dirigentes do futebol local decidiram que era chegada a hora da cidade deixar sua marca no campeonato organizado pela Federação Maranhense de Desportos (FMD), que reunia as delegações das principais cidades do interior do Estado.

Bem antes, em 1956, Viana já havia participado dessa competição, sendo eliminada pela seleção de Guimarães. Nove anos se passaram e agora os aficionados do futebol tinham plena convicção de que a história seria bem diferente.

Para a disputa do 11º Torneio Intermunicipal de Futebol, sob orientação técnica de Jurandir, a seleção titular vianense contou com os seguintes jogadores: o goleiro Edson (Picirica), os irmãos Coquinho e Zé Melo, Lupercínio, Jaime, Nilson, Bacabal, Marreco, Vavá, Chucho e Lanchão.

Depois de uma bela sequência de vitórias sobre os adversários e de angariar a simpatia da mídia esportiva da capital (na época representada principalmente pelos radialistas e repórteres que cobriam os eventos es-

portivos para a chamada imprensa escrita), a seleção vianense classificou-se para a disputa final do tão almejado título. Pela outra chave, a seleção de Pinheiro havia conquistado o mesmo direito, o que deixava a decisão do certame sob as chuteiras das seleções de duas cidades da Baixada Maranhense.

A sorte, porém, não sorriu para Viana naquele 6 de janeiro de 1966. Pelo placar de 2x1, o selecionado de Pinheiro ficou com o título de campeão do 11º Torneio Intermunicipal de Futebol. Embora a derrota tenha frustrado as aspirações de todos que acompanhavam com entusiasmo o desempenho dos nossos atletas, o vice-campeonato não deixava de ser uma grande vitória para uma equipe que participava pela segunda vez de um torneio estadual.

O naufrágio da lancha Marília – Aguardados em Viana para as merecidas homenagens, os jogadores quase se tornaram vítimas de uma tragédia com o naufrágio da embarcação que os conduzia de volta.

Encalhada num banco de areia na entrada do rio Pindaré, próximo ao lugar São José, a lancha de apenas um toldo não resistiu à força da enchente da maré e declinou totalmente para o lado esquerdo. Em questão de minutos, a água invadiu a embarcação, obrigando todos os passageiros e tripulantes a abandoná-la às pressas. Aqueles que sabiam nadar rumaram em direção às margens do rio, enquanto outros se agarraram a tonéis, latas de querosene e demais objetos flutuantes até a chegada do socorro prestado pela lancha Vera Cruz que, certamente por providência divina, passava pelas imediações.

Não houve vítimas fatais, felizmente. Apenas um grande susto e a perda das bagagens, fora o prejuízo causado aos comerciantes vianenses pelas diversas mercadorias que a “Marília de Fátima” transportava. O troféu do vice-campeonato da seleção também foi parar no fundo do rio Pindaré.

Campeões de 1966 – Motivada pelo quase total sucesso de sua participação no Intermunicipal de 1965, durante todo o ano de 1966, principalmente nos últimos meses, a seleção entregou-se com afinco aos treinos com o firme propósito de se tornar a campeã daquele ano.

Basicamente o time era o mesmo, acrescido de alguns poucos reforços. Toda a equipe técnica estava confiante, como também a população vianense que se preparava para acompanhar os jogos pelo rádio, através das transmissões da Difusora e Educadora, as duas emissoras radiofônicas de maior audiência no interior maranhense.

Ainda sob o comando técnico de Jurandir, o time não teve dificuldades para vencer os primeiros obstáculos. Empurrados pela torcida da colônia vianense radicada em São Luís que comparecia fielmente ao Estádio Santa Izabel, onde se realizavam os jogos, a equipe despachou a seleção de Caxias pelo placar de 2x0, com gols marcados por Dario e Vavá.

Uma pedra no caminho, porém, surgiu na partida da semifinal, quando o selecionado vianense enfrentou a forte equipe de Chapadinha. Com um empate de 3x3 no tempo regulamentar, que persistiu durante a prorrogação, o vencedor foi decidido no “cara ou coroa”, critério ainda utilizado oficialmente pelo futebol, à época, em lugar da disputa de pênaltis.

Em Viana, centenas de ouvidos colados aos rádios, ouviram o capitão Vavá fazer a opção por “cara”, antes que o locutor narrasse a cena da moeda jogada ao ar pelo juiz da partida. Foram pouquíssimos segundos de expectativa, mas que fizeram apertar o coração de toda uma cidade, até ouvir-se a voz do radialista anunciar: – Deu “cara”!

Nas rodas formadas em volta do rádio, alegria e alívio misturaram-se nos abraços de comemorações, enquanto foguetes pipocavam em vários pontos da cidade. Desta vez, sem dúvida, a sorte sorria para Viana.

Classificado para a final, o time vianense precisou esperar a decisão entre São José de Ribamar e Pinheiro para conhecer seu último adversário. Como todos a essas alturas já previam, Pinheiro venceu, garantindo assim o direito de disputar o bicampeonato. O confronto do ano anterior iria se repetir: Viana e Pinheiro decidiriam, mais uma vez, o Campeonato Intermunicipal de Futebol do Maranhão.

O troféu é nosso – Na tarde do domingo (8/1/67), Viana inteira parou para ouvir o jogo. Todos acreditavam na revanche e bolos de apostas a dinheiro especulavam sobre o placar, naturalmente a favor da seleção da terra. Os estoques de foguetes também já haviam sido providenciados. Restava, portanto, torcer e pedir a proteção da padroeira, N. S. da Conceição.

O jogo se iniciou nervoso, conforme relatava o locutor. O tempo passava e nada do grito de gol, a favor dos vianenses, tão ansiosamente esperado. Veio o intervalo do jogo sem que nenhuma das duas equipes conseguisse furar o bloqueio adversário.

No 2º tempo, entretanto, o time entrou em campo mais decidido e com apenas trinta segundos de jogo, uma cabeçada certa de Chucho meteu a bola no fundo da rede pinheirense, para euforia da torcida vianense. Mesmo assim, faltava ainda muito tempo de jogo e nada estava decidido. O nervosismo continuava e a adrenalina descarregava forte, em cada torcedor, toda vez que o locutor acelerava o ritmo da voz.

Aos 20 minutos um gol de Dario foi anulado pelo juiz, mas três minutos depois veio a definição: também de cabeçada, o jogador Bacabal fez o

segundo gol do Viana para felicidade e delírio dos vianenses. Desta feita, o troféu era nosso. Viana tornava-se, finalmente, a campeã do 12º Campeonato Intermunicipal de Futebol.

O *Jornal Pequeno*, em sua edição de 9/1/67, depois de elogiar a vitória do time vianense, finalizava a matéria dizendo: *Após o encerramento, os atletas de Viana, acompanhados dos seus simpatizantes e de grande número de esportistas vianenses que se encontravam em S. Luís realizaram uma passeata pelas ruas da cidade. A charanga de Viana passou em frente a Jornal Pequeno tocando a JARDINEIRA, música do carnaval do passado. Em Viana, por certo, deve ter havido muita festa na noite que passou, em comemoração à conquista do título.*

O bicampeonato – Visando repetir o feito, novamente a delegação de Viana viajou para São Luís, a fim de participar do evento esportivo intermunicipal que decidiria o novo campeão do ano de 1967. A novidade agora ficava por conta do local dos jogos que passaram a ser realizados no recém-inaugurado Estádio Nhozinho Santos.

Em dezembro daquele ano, embora a FMD estivesse em crise por conta da recente e polêmica eleição do novo presidente, Raimundo Silva, a competição conseguiu reunir grande número de seleções. Cidades como Arari, Bequimão, Codó, Coroatá, Cururupu, Lago da Pedra, Matinha, Penalva, Pinheiro, Pedreiras, Rosário, Tutóia, São José de Ribamar, entre outras, inscreveram-se no certame.

Nossas vizinhas e velhas rivais, Matinha e Penalva, foram eliminadas logo no início do torneio. Matinha foi despachada ao perder por 3x1 para Codó. E Penalva simplesmente levou uma surra de Pinheiro, sendo goleada por 6x1.

Um tropeço ocorrido no jogo contra Pedreiras quase elimina o time vianense. Depois de perder pelo placar de 2x1, a liga do Viana entrou com recurso junto à Junta Esportiva Disciplinar pela participação de um dos zagueiros do time adversário, cuja documentação estaria irregular. O Conselho Técnico da FMD decidiu então anular o jogo, sob protestos dos pedreirenses que se retiraram do cam-



HERÓIS DO PASSADO: cinco dos ex-atletas da seleção vianense reunidos na atualidade: Chucho (Antonio Gaspar Neves), Coquinho (João Batista Melo), Lupercínio (Raimundo Nonato Gonçalves), Marreco (Severiano Mendes) e Vavá (Juares Mendonça Cutrim).

MUNICIPAIS DE FUTEBOL

destacou o futebol vianense no cenário esportivo maranhense dos anos 60



SELEÇÃO CAMPEÃ (1966)

De pé: Macial (goleiro reserva), o presidente da Liga Vianense Raimundo Nonato Mendonça (Papa-banha), os irmãos Cabeça e Picirica (goleiro titular), os também irmãos Coquinho e Zé Melo, Louro, o técnico Jurandir, o médico Dr. Osmir, Zé Viana, Nilson e um desconhecido
Agachados: o massagista Nego Luís, Pedro de Constantino, Bacabal, Marreco, Dario, Chucho, Lanchão, Walmir, Fefeu, Carmelito e Vavá.



GOL HISTÓRICO (DECISÃO DO TÍTULO DE 1966)

De quatro, no chão, o jogador Bacabal marca o 2º gol para o Viana, sob os olhares atônitos do goleiro e da zaga pinheirense. Com esse gol, Viana sagrava-se campeã do 12º Campeonato Intermunicipal de Futebol



JOGO CONTRA O MAC

Com a faixa de campeões, a seleção vianense que enfrentou o MAC, em partida amistosa. De pé: Nonato de Diosne, Zeca Serejo, Picirica, Cabeça, Zé Melo, Lupercínio e Louro. Agachados: Chucho, Vavá, Dario, Walmir e Lanchão



SELEÇÃO VICE-CAMPEÃ (1965)

De pé: Coquinho, Picirica, Zé Melo, Lupercínio, Jaime e Nilson.
Agachados: Nego Luís, Bacabal, Marreco, Vavá, Chucho e Lanchão



SELEÇÃO BICAMPEÃ (1967)

De pé: Dr. Osmir, Jurandir (técnico), Louro, Coquinho, Zé Melo, Picirica, Cabeça e Papa-banha. **Agachados:** Lanchão, Chucho, Dario, Marreco, Bacabal e Nego Luís

peonato. Em solidariedade à delegação de Pedreiras, Pinheiro também abandonou a competição.

Com a ausência, em campo, dos pedreirense para uma nova partida, Viana foi beneficiada com os pontos daquele jogo. Na semifinal, passou

fácil pela seleção de Coroatá ao vencer por 2x1 (os dois gols foram marcados pelo artilheiro Chucho). Contudo, o desempenho dos dois times não agradou a imprensa especializada, segundo registro dos jornais da época.

A disputa final do título de cam-

peão do 13º Campeonato Intermunicipal de Futebol, realizada no domingo (21/1/68), entre Viana e Arari, deixava uma vez mais a decisão entre duas cidades da Baixada. Pelo placar de 2x1 (gols marcados por Lanchão numa cobrança de falta e Gury, de fora

da grande área), o selecionado vianense arrebatou o título de bicampeão, encerrando com chave de ouro sua participação no campeonato intermunicipal ao mesmo tempo que deixava escrito um brilhante capítulo nos anais do futebol vianense.

PADRE EIDER FURTADO SILVA

★ 27.01.1917 † 09.11.2009

Lourival Serejo

Conheço o espírito de fé e a capacidade de esperança do Padre Eider. (D. José Delgado)

Neste ano, sobrou um cartão de Natal no meu pacote de remessa. Era o cartão destinado ao meu velho amigo Eider, que fora passar as festas natalinas nas alturas, ao encontro de quem tão bem representou na terra.

Preferia tratá-lo como era mais conhecido, dispensando-lhe o título honorífico de monsenhor.

Minha amizade com padre Eider data de muitos anos, desde meus tempos de estudante, em São Luís. Muitas vezes, vivendo as angústias da idade, era no Seminário Santo Antônio que eu ia buscar auxílio, conversando com ele, falando besteiras e sempre sendo ouvido com atenção. Essa era a grande marca do padre Eider para cativar as pessoas: a atenção. Para qualquer pessoa, a qualquer hora, ele estava atento, disponível e solidário.

Convivi com os dois momentos históricos da vida do padre Eider: antes e depois do papa João XXIII, que fez a grande renovação da Igreja pelas inovações do Concílio Vaticano II. Com a chegada de D. Hélio, seu espírito já renovado encontrou apoio para expandir-se.

O primeiro Eider era um padre tradicional, apegado aos dogmas seculares da Igreja; o segundo foi o sacerdote que eclodiu como um vulcão depois que se conscientizou do verdadeiro papel de um sacerdote nos países do Terceiro Mundo. Para esta segunda fase, muito contribuiu o curso de aggiornamento (renovação), que fez no Rio Grande do Sul.

O novo Eider encontrou em Dom Hélio Campos o amigo que o estimulou a seguir os rumos da Teologia da Libertação, que tem Cristo como centro de ação em favor dos oprimidos e pela igualdade de oportunidades na terra, apontando-lhes a esperança libertadora.

Quando D. Hélio chegou a Viana



como bispo, padre Eider estava como sacerdote em uma paróquia de São Luís e era professor. Ao apelo do novo bispo ele não resistiu e volta, em 1970. Em sua carta Meus 25 anos de padre, ele fala com eloquência dessa decisão: "Voltei por ver e sentir que era um dever. Quando vi Dom Hélio enfrentando o colonialismo que aqui estava instalado com unhas e dentes, debatendo-se por levar a Igreja de Viana

na ter características próprias e empenhar-se na verdadeira libertação do povo, não tive dúvidas, voltei. Vim cercar fileiras ao seu lado, já como índio velho, expulso de sua aldeia e quase sem forças, mas ainda disposto a lutar e ir até às últimas consequências para ajudar a se restabelecer a verdadeira feição da Igreja em Viana e da Igreja particular de Viana."

Todo vianense que conheceu pa-

dre Eider pode testemunhar a dedicação da sua vida à fé que abraçou, ao sacerdócio que exerceu com vocação, de forma íntegra, sem dobras nem baixos. A vida de padre Eider foi um livro aberto de ética, de compromisso e de solidariedade.

Em sua casa, recebia os estudantes em busca de informações sobre a história de Viana e qualquer outro assunto. Quem estivesse escrevendo algum trabalho ou livro sobre Viana necessariamente teria que consultar padre Eider para tirar dúvidas ou ouvir uma sugestão. Sempre prestativo, ele nunca deixava de atender ninguém.

Eider, Heitor Piedade e Wilson Cordeiro formaram um trio de jovens sacerdotes que, sob as bênçãos de Monsenhor Arouche, serviram diversas paróquias da Baixada Maranhense, fazendo desobrigas quando não tínhamos estradas, levando conforto espiritual a muitas e muitas pessoas. Espero um dia publicar um trabalho que fiz de entrevistas com esses três vianenses e que intitulei "Quando os padres confessam".

O material escrito deixado pelo padre Eider é vasto. A família dele ou a Academia Vianense de Letras deve encarregar-se de reunir todos esses escritos para uma publicação.

No início desta homenagem invoquei D. José Delgado, em trecho tirado de sua Carta a um amigo excomungado, dedicada ao padre Eider. Nesse documento, aquele arcebispo se solidariza com o amigo pelo período crítico que atravessou em sua vida, e mostra os novos rumos da teologia, depois do Vaticano II.

Padre Eider não era só vianense; era universal. Em todo o país e no exterior, por seus amigos, expandiu sua fé e seus princípios, com a vivacidade que o mantém vivo na memória de seus confratêrneos e admiradores.

Não lhe mandei um cartão de Natal, mas restou sua lembrança para renascer em mim o entusiasmo de viver sempre para lembrar seu sorriso e sua maneira de dialogar, apoiar e indignar-se quando era necessário.

Que seu exemplo de vida sirva para incentivar todos os vianenses na vivência perseverante de seu Evangelho de amor, solidariedade, ética e libertação.



OSWALDO PEREIRA GOMES

★ 03.01.1931
† 10.11.2009

Definitivamente 2009 não foi um ano feliz para várias famílias tradicionais vianenses. Costas, Barros, Silvas, Gouveias, Mendonças, Pinheiros e até os Gomes perderam entes queridos que souberam pontificar, cada um à sua maneira, a história desta cidade secular.

Entre tantos desaparecimentos, no último dia 10 de novembro, a AVL perdeu mais um de seus membros, o General Oswaldo Pereira Gomes, aos 78 anos de idade. Era ele o titular da Cadeira nº 14, cujo patrono é o poeta e escritor Travassos Furtado.

Advogado, professor, escritor e ex-deputado estadual pelas eleições de 1954, Oswaldo Pereira Gomes exerceu importantes cargos durante sua brilhante trajetória militar, destacando-se entre estes sua atuação como Assessor Especial Jurídico e Político durante a revisão constitucional para a elaboração da Carta Magna de 1988.

Nosso falecido confrade também tomou parte, como representante das Forças Armadas, da Comissão dos Mortos e Desaparecidos Políticos do Ministério da Justiça.

General reformado do Exército brasileiro, Oswaldo Pereira Gomes faleceu em Juiz de Fora (MG), cidade onde residia há muitos anos e onde deixou viúva a Sra. Leda Lima Gomes e as filhas Priscila, Cibele e Marina.



JOSÉ MENDES PINHEIRO

★ 28/02/1924
† 09/12/2009

Faleceu, em São Luís, aos 85 anos de idade, o Sr. José Mendes Pinheiro, um dos vianenses que mais marcaram a história do município no século passado.

Comerciante, empresário e ex-prefeito da cidade, José Pinheiro soube dinamizar a economia local

durante mais de duas décadas. Dono de um espírito empreendedor, no auge da atividade comercial, mandou abrir estradas, adquiriu caminhões e lanchas, tudo com o propósito de facilitar o escoamento da produção agrícola do município para a capital.

Sua história de vida ficou intimamente ligada à antiga Fábrica Santa Maria, quando o sobrado de azulejos amarelos (hoje em ruínas) viveu um de seus períodos mais auspiciosos. Foi ali também, nos altos do mesmo sobrado, que o comerciante e sua esposa, Laura Mohana, viram nascer e crescer os seis rebentos da família.

Em 1973, após uma viuvez de quatro anos, José Pinheiro casou-se novamente com Maria de Lourdes Costa Alencar com quem teve mais quatro filhos e viveu até seus últimos dias.

Já aposentado, em maio de 2004, o Sr. José Mendes Pinheiro foi alvo de homenagem especial, promovida por esta agremiação cultural, oportunidade em que se tornou o 1º filho da terra a ser agraciado com a placa de "Honra ao Mérito Vianense".

UM ACADÊMICO, UM PATRONO

PEDRITO FRANK MARQUES NUNES

Uma história de luta e de superação

Luiz Alexandre Raposo

Quinto filho da união de Pedro José Nunes (Pedro Mendengo) e Maria dos Remédios Marques Nunes, Pedrito Frank Marques Nunes nasceu em Viana, no dia 23/11/1944, pelas mãos da parteira Mãe Umbelina. A família de 11 irmãos vivia numa casa humilde, chamada Japão, que se situava nos fundos da antiga Igreja de São Sebastião, na Rua Celso Magalhães, mais conhecida como "Rua do Canudo".

Alfabetizado por uma de suas irmãs, Maria da Conceição Nunes (Maria Prego), o travesso garoto logo ficaria conhecido por todos pelo cognome de Pedro Mendengo Filho. Matriculado na extinta Escola Municipal, que funcionava no prédio da Prefeitura, fez ali a 1ª e 2ª séries primárias com as professoras Maria de Nazaré Fernandes e Celina Clara Bezerra. Em 1956, o menino foi transferido para a também extinta Escola Paroquial Dom José Delgado, onde estudou as três últimas séries do antigo curso primário, concluído em 1958. Naquela escola, tornar-se-ia aluno de célebres mestres vianenses, como Didi Magalhães, Maria Antônia Gomes, Celeste Carvalho, Edith Nair Furtado, Lourdinha Serejo, e os padres Heitor Piedade Júnior, Wilson Nunes Cordeiro e Manoel Arouche.

Em 1959, Pedrito Frank viajou para São Luís e no final desse mesmo ano foi aprovado no exame de admissão para o curso ginasial do Colégio Ateneu Teixeira Mendes, estu-

dando nesse estabelecimento de ensino por dois anos para, posteriormente, por conta de uma bolsa de estudo, transferir-se para o Colégio Batista, onde concluiu o ginásio em 1964. Três anos depois, precisou interromper os estudos na metade do 3º ano Clássico, para trabalhar na Secretaria de Segurança Pública do Maranhão.

Em outubro de 1968, entretanto, para sua grande alegria, conseguiu concluir o 2º grau, graças aos exames do "Madureza".

Tendo como projeto maior de vida cursar uma faculdade, o jovem vianense de origem modesta aprendeu desde cedo a enfrentar desafios e vencer obstáculos. Mas não faltaram também pessoas solidárias que o ajudariam na íngreme escalada, como a família Viegas (Dr. Antônio e D. Galante) que, além de lhe hospedar por um bom período, ainda lhe davam o maior incentivo.

Após algumas tentativas frustradas de ingressar numa Instituição de Ensino Superior do Maranhão, decidiu migrar para o Rio de Janeiro em junho de 1969. O ponto de apoio para



tal decisão foi o amigo Kleber Gomes, filho de um coletor que havia trabalhado em Viana, e que se tornara seu colega no curso pré-vestibular Professor Zé Maria do Amaral.

O sonhado curso universitário também não viria tão facilmente na "Cidade Maravilhosa." Depois de pular de galho em galho, hospedando-se com conterrâneos ou velhos conhecidos, Pedro conseguiu ser aprovado em concurso público para o IBGE, em 1971.

Com o emprego garantido, dois anos depois, Pedrito Frank casou com Aurora Therezinha de Menezes Graminier, com a qual teve dois filhos: Marcelo Luiz Menezes Nunes e Marcio Cristiano Menezes Nunes. Com a família para manter, os planos de retomar os estudos tiveram de esperar por longos dez anos. Nesse meio tempo, atravessou uma das fases mais complicadas de sua vida: abatido por forte depressão e terrível sensação de fracasso, tornou-se presa fácil para o vício do álcool.

Como o velho arvoredado que enverga, mas não quebra com a tempestade, a razão e a força de vontade

de que sempre acalentaram seus ideais falaram mais altos. Abandonou a bebida e voltou-se para os estudos, ingressando no curso de Psicologia (Licenciatura e Bacharelado) na UCL. Atualmente especializado em *Psicologia Clínica Médica Psicossomática, Fisiologia Humana e Psicomotricidade*, o psicólogo Pedrito Frank trabalha na Clínica Médico Psicológica Santo Antônio, voltada para jovens e adolescentes, portadores de distúrbios e deficiências motoras e mentais.

Em 1996, em visita ao Maranhão para rever parentes e amigos, Pedro Mendengo Filho deu-se conta das graves contradições culturais e socioambientais impostas à cidade natal. Naquele ano voltou ao Rio de Janeiro decidido a formar uma frente de luta pela preservação da história, da cultura e do meio ambiente de Viana. Depois de dialogar com os conterrâneos José Antônio Castro, Heitor Piedade Júnior, Ademar Maia entre outros, idealizou os *Congressos Históricos Culturais de Viana e do Meio Ambiente do Rosário de Lagos do Maracu*. Assim, durante onze anos consecutivos, através desses seminários, tentou conscientizar a comunidade local para a vivência de uma cidadania plena e ambientalmente correta.

Pedrito Frank Marques Nunes, ou o eterno Pedro Mendengo Filho para seus conterrâneos, avô coruja das netas Amanda e Beatriz, hoje ocupa a Cadeira nº25 da AVL, cujo patrono é o músico e compositor Raimundo Nogueira.

PROFESSORA BIBI BALBY

Inteligência e saber a serviço da educação vianense

João Mendonça Cordeiro

Benedita das Mercês Balby de Sousa, carinhosamente conhecida como professora Bibi Balby, marcou com sua presença indelével a história educacional, cultural e social de Viana durante décadas.

Nascida no sítio Canindé, à margem do lago de Maracaçumé, município de Viana, em 24 de setembro de 1891, era filha do casal Angélica Pereira Balby e João Batista Balby que foi prefeito da cidade no período de 1916 a 1918.

Depois de concluir o antigo curso primário, a jovem foi encaminhada para São Luís, a fim de tornar-se professora normalista, tendo estudado e se formado no tradicional Liceu Maranhense.

A professora Bibi Balby exerceu o magistério primário, em Viana, desde os tempos das Escolas Urbanas, mantidas pelo Governo do Maranhão, no final da década de 1920 e início de 1930. Durante muitos anos, na "Escola Agrupada ao Bairro São Sebastião" que funcionou em diversos prédios (inclusive no velho "porão", uma casa de estilo colonial que existia na Rua Celso Magalhães), a então jovem e eficiente professora, que sabia usar da necessária energia quando a situação assim o exigia, lecionou nas turmas de 1ª, 2ª e 3ª séries.

Em sala de aula, a professora ado-

tava métodos particularíssimos. Durante suas arguições, por exemplo, os alunos que erravam as lições ou levavam reguadas ou tinham de se ajoelhar para rezar o *Pai Nosso*, na frente dos colegas. A julgar pelo testemunho de muitos de seus ex-alunos, o método surtia efeito.

Bibi Balby ensinou também no curso ginasial do "Instituto Dom Francisco de Paula, fundado em Viana, pelo Promotor Público Dr. Palmério Campos, no final da década de 1920.

Já na maturidade, Benedita das Mercês Balby casou-se com o ex-seminarista José Antônio Couto de Sousa (Zezé Couto), de tradicional família maranhense. Sem filhos, o casal promovia e participava ativamente dos eventos culturais e principalmente religiosos, muito comuns na cidade nas décadas de 1930 a 1950.

Todos aqueles que conheceram a professora Bibi Balby, mesmo sem ter sido seus alunos, jamais se esqueceram de sua figura ímpar, frágil e extremamente religiosa. De estatura baixa e franzi-



na, era defensora ferrenha do culto ao saber, alimentado sempre com boas leituras. Na chamada 3ª idade gostava de recitar, com voz trêmula, as suas belas poesias ou proferir inspirados discursos, nas mais diversas solenidades cívicas ou religiosas.

O jornal, A Época, do Dr. Ozimo de Carvalho, editado entre 1929 a 1931, registrou sua participação literária em várias oportunidades, como na homenagem ao culto Interventor do Maranhão, Astolfo Serra, quando da visita deste à sua terra natal.

Sabe-se que a professora Bibi Balby deixou vários de seus discursos e poemas escritos. Infelizmente, como informaram seus sobrinhos, os papéis, guardados em baú de madeira, foram impiedosamente destruídos pelos cupins.

Felizmente o jornal *Maranhão*, periódico da Arquidiocese de São Luís, em edição especial dedicada à realização do Congresso Eucarístico e Sacerdotal, realizado na cidade de Caxi-

as, em julho de 1937, publicou um longo poema, cuja autora usou o pseudônimo "Rosa do Maranhão". Dom Felipe Conduru Pacheco, no livro *História Eclesiástica do Maranhão* informa textualmente ser a referida poesia da autoria da professora vianense Benedita Balby de Sousa. Abaixo transcreve-se duas estrofes do belo poema:

Ave! Ó Hóstia Divina! / Erguida à Palmeira vegetal / Para na brancura imaculada / Do corpo de Jesus / Extravasado em luz / Na Hóstia consagrada / Dar vida ao Novo Mundo / E à Terra de Santa Cruz, no valor profundo / De seu amor ao pecador ...

Ó página de Amor / Do Redentor / Que tem por pedestal / A palmeira alvissareira / Que nos dá o pão material / Para a manutenção / Da vida espiritual / Que o Brasil enriquece / Enobrece / Conserva, eleva / Quando com suas fibras tece / O livro da prece / A razão / Na perfeita santificação / Pela oração...

Já viúva, Bibi Balby faleceu em São Luís no dia 19 de julho de 1977, aos 85 anos de idade.

A Academia Vianense de Letras ao aprovar o nome da professora Benedita Balby de Sousa como patrona de uma de suas cadeiras, presta merecida homenagem a uma personalidade que, por sua inteligência e saber sempre voltados à educação e cultura vianenses, soube se identificar perfeitamente com a cidade que lhe serviu de berço.

SEMINÁRIO MAIOR SÃO BONIFÁCIO

João Mendonça Cordeiro

Localizado à Rua Senador João Pedro, nº209 (próximo ao Canto da Fabril), em São Luís, o Seminário Maior São Bonifácio da Diocese de Viana abriga alunos dos cursos de Filosofia e Teologia, graduações essenciais como preparação para a futura ordenação sacerdotal dos jovens seminaristas.

Inaugurada em 2005, a casa de formação religiosa possui vários alojamentos, além da copa, cozinha, sala de estudos e capela. O prédio foi adquirido e ampliado graças aos esforços de Dom Xavier Gilles, atual bispo de nossa diocese, que angariou ajuda financeira junto às igrejas católicas da Alemanha e Itália.

A casa funciona como "internato", onde os seminaristas residem, estudam, realizam pesquisas e trabalhos acadêmicos, pois as aulas dos Cursos de Filosofia e Teologia são ministradas no Instituto de Estudos Superiores do Maranhão (IESMA), o qual funciona num prédio situado nos fundos do antigo Seminário Santo Antônio (com entrada pela Rua do Rancho).

O IESMA, também conhecido como Faculdade Católica, é reconhecido pelo MEC. Tanto que os ex-seminaristas e padres ali diplomados não precisam revalidar os estudos como acontecia antigamente. O Instituto oferece o Bacharelato em Teologia e Licenciatura plena (magistério) para o curso de Filosofia.

Sob a direção do padre George Amaral, o Seminário São Bonifácio conta atualmente com apenas seis alunos, todos cursando Filosofia. Nos fins-de-semana, exercitam-se na pastoral social junto à comunidade do bairro de São Cristóvão. Dois outros seminaristas estudam em São Paulo, com auxílio de bolsas conseguidas também por Dom Xavier.

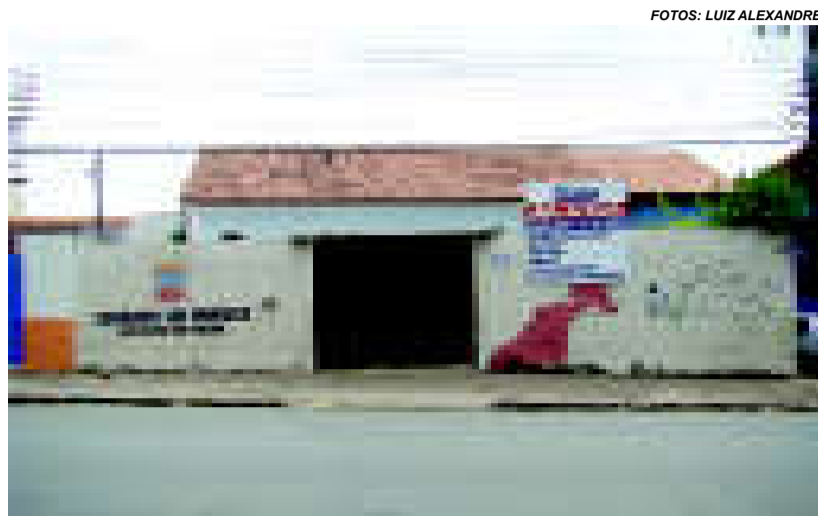
Para ingresso no Seminário Maior São Bonifácio, é necessário que os alunos tenham passado antes pelo curso médio (três anos) no Centro Vocacional São José, na cidade de Matinha. Se algum jovem, que tenha concluído o ensino médio em outra escola, pretenda ingressar no Seminário Maior, deverá antes passar por uma experiência de um ano no Seminário Menor de Matinha, a fim de preparar-se adequadamente para a vida comunitária.

Crise vocacional e dificuldades financeiras - A história vocacional do sacerdócio católico vianense distinguiu-se, durante muito tempo, pelo expressivo número de seminaristas internos no antigo e tradicional Seminário Santo Antônio de São Luís, principalmente na época do carismático e saudoso padre Manoel Arouche.

Na década de 1960, com a criação da diocese e a chegada de religiosos estrangeiros em Viana, foi fundado o Seminário Menor São José que também teve seu tempo de grande procura por adolescentes vocacionados da região.

No momento, vive-se um período de crise não só pelo diminuto número de seminaristas como pelas dificuldades financeiras para manter todo o complexo do Seminário Maior São Bonifácio, cuja sobrevivência depende da ajuda de benfeitores e patrocínios diversos, obtidos pela incansável dedicação de Dom Xavier Gilles.

Para resolver esta situação, a



Fachada externa do Seminário São Bonifácio com a placa de oferta para aluguel. Abaixo da placa, a pintura no muro mostra os municípios abrangidos pela Diocese de Viana



Aspecto da capela do Seminário São Bonifácio



O reitor, padre George Amaral



Vista interna, mostrando as ampliações das instalações do prédio

solução encontrada por Dom Xavier é tentar a locação do prédio atualmente ocupado pelo seminário e alugar outro de tamanho menor, que sirva para abrigar os poucos seminaristas ali hospedados.

Outra idéia do bispo de Viana, na tentativa de incentivar as vocações sacerdotais, é conseguir um coordenador que possa dedicar-se a esse trabalho, acompanhando melhor a caminhada dos jovens as-

pirantes ao sacerdócio católico em toda a diocese. Por enquanto este trabalho é realizado de maneira difusa, ficando a cargo de cada paróquia.

Denominação - A denominação dada ao Seminário Maior da Diocese de Viana possui significação histórica da maior importância: lembra o nome do complexo agropecuário e educacional, fazenda e engenho São Bonifácio, mantido pelos jesuítas, durante a existência da Missão de Nossa Senhora da Imaculada Conceição do Maracu, que daria origem posteriormente à Vila de Viana, em 8 de julho de 1757.

Das imagens então existentes na Capela do Engenho, segundo relação feita pelo padre Serafim Leite, na obra "História da Companhia de Jesus no Brasil", a de São Bonifácio é a única que continuou em poder da Igreja de Viana.

Trasladada, depois da expulsão dos jesuítas, para a capela de São Brás do Araçatuba, a estatueta, a seguir, esteve exposta nas igrejas de Penalva e Viana e por fim, durante anos, escondida, sob responsabilidade do padre Wilson Cordeiro. Tombada e restaurada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), encontra-se atualmente sob a responsabilidade provisória do Museu de Arte Sacra de São Luís.

O Seminário Maior São Bonifácio é uma entidade que merece o reconhecimento público, haja vista sua importância tanto para Viana como para todas as paróquia dos vinte e dois municípios que compõem nossa diocese, a qual abrange uma população estimada em torno de trezentos mil católicos.

Ao tomar a iniciativa da publicação desta matéria, a AVL objetiva divulgar sua existência e informar sobre as dificuldades enfrentadas para a continuidade deste centro de ensino e de cultura, almejando assim que ações beneméritas possam surgir em seu favor, como o comprometimento de patrocinadores e mantenedores dessa obra louvável e de grande importância para o futuro da Diocese de Viana.

ERRATA: No número anterior (Edição 26), no texto referente à "Antiga Casa Amarela de Viana", cometemos um pequeno lapso ao darmos a entender que o referido estabelecimento comercial sempre funcionou no prédio da foto em destaque.

Na verdade, em 1929, quando o jornal "A Época" publicava os anúncios da Casa Amarela, o prédio que abrigava o comércio do Victor Hugo Soeiro ainda era a casa térrea de frente para a Praça Duque de Caxias, onde residiria posteriormente o prefeito Eziquiel Gomes.

Somente em 1940, quando foi concluída a construção do prédio vizinho de dois pavimentos é que a Casa Amarela mudou-se para lá.

Depois da mudança, Victor Hugo vendeu a ex-residência e ponto comercial para Eziquiel Gomes.

O RENASCER VIANENSE



Diretor/Redator: Luiz Alexandre Raposo
(Reg. 0000821-MA)
e-mail: luiz.raposo@uol.com.br
Endereço: Rua Antônio Lopes, 459, Viana - MA CEP: 65.215-000